



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

O v. 7, n. 3, 2021 de *ECO-REBEL* dá forma a uma coletânea de trabalhos apresentados no V Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (V EBIME). O V EBIME aconteceu entre os dias 13 e 15 de setembro de 2021 de forma remota, via Google Meet, sendo destinado a alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores, professores e ao público em geral. O EBIME é resultado da confluência de duas áreas de pesquisa: o campo do Imaginário e a Ecolinguística. O Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (EBIME) foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM/CNPq), da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o objetivo de divulgar os avanços científicos do grupo de pesquisa nos estudos que relacionam a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand aos estudos da Ecolinguística, com ênfase em sua vertente brasileira, a Linguística Ecolinguística.

O diálogo entre o Imaginário e a Ecolinguística tem se mostrado cada vez mais importante, uma vez que proporciona uma visão holística dos seres humanos em interação com o imaginário, os grupos sociais e os meios ambientes que os cercam. Daí a crescente relevância dessas temáticas para os estudos da linguagem e da sociedade. A atualidade da discussão sobre a relação que o ser humano estabelece com os meios ambientes também entra como importante justificativa para a existência do evento, que acontece periodicamente, a cada dois anos, dada a efervescência nos estudos sobre a natureza, o atual cenário social, político e cultural que se delineia no mundo e a relação intrínseca entre o indivíduo e os meios ambientes natural, mental e social.

O V EBIME deu abertura a propostas de trabalhos que englobassem temas acerca da Antropologia do Imaginário e da Ecolinguística, relacionando os dois campos do conhecimento ou dando ênfase a um deles.

Abrimos este número com o artigo “A retórica da preservação: de como os discursos podem ser mobilizados para destruir a natureza” de Lorena Araújo de Oliveira Borges e Elza Kioko N. N. do Couto, tendo por objetivo relacionar os estudos do discurso à luz da Ecolinguística e os estudos decoloniais com a finalidade de investigar o modo como ocidentais hegemônicos da preservação conduzem à opressão e à destruição da Natureza.

Em seguida, apresentamos o texto de Maria Ivoneti Ramadan e Elza K. N. N. Couto, “Julinha, a moça do bar, sob a ótica da análise do discurso ecolinguística e do imaginário: uma análise do conto O BAR, de Ivan Ângelo”. No artigo, as autoras desenvolvem uma análise da interação comunicativa interiorizada, ou seja, da interação que se desenvolveu

ECO-REBEL

na construção estética do conto “O BAR”, de Ivan Ângelo, e da interação comunicativa que se efetiva na recepção do texto pelo leitor. A fim de sustentar esse estudo, foram utilizadas como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso Ecolinguística e a teoria do Imaginário de Gilbert Durand.

O artigo seguinte é intitulado “Etnoecologia linguística: por uma abordagem léxico-semântica de etnoantropônimos balanta” e foi escrito por Djiby Mané. O texto faz ver como, em pequenas comunidades, os nomes próprios têm funções específicas, permitindo que os sujeitos sejam identificados, reconhecidos e que sua existência seja legitimada. Para tanto, foram analisados léxico-semânticamente etnoantropônimos balanta, fazendo ver a relação entre as palavras e o mundo.

Na sequência, vislumbramos o artigo de Kênia Mara de Freitas Siqueira, Eraldo Medeiros Costa Neto e Gilberto Paulino de Araújo, “Toponímia dos municípios de alagoas sob a perspectiva da ecolinguística”. Nesse artigo, desenvolve-se uma análise com base nos princípios da Linguística Ecolinguística numa intersecção com a Toponomástica sobre os topônimos alagoanos, evidenciando de que forma o ambiente se insere no processo de nomeação dos municípios.

O quinto artigo, “Os tempos/modos verbais na linguagem da região de Major Porto (MG)”, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, aborda o modo como são dinamizadas as flexões verbais de tempo, modo, número e pessoa na linguagem rural da região de Major Porto, que se situa no município de Patos de Minas (MG). Para desenvolver esse estudo, a autora toma como base a Linguística Ecolinguística. Interessante ressaltar que o texto evita comparar diferentes variedades linguísticas para entender sua dinâmica. Ao invés disso, evidenciam-se as características que são próprias das regras interacionais da comunidade de fala em foco.

O sexto artigo, de Mayara Macedo Assis e Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, intitula-se “Análise do ecossistema ficcional em ‘A menor mulher do mundo’, de Clarice Lispector”. Tomando como aporte teórico-metodológico a Linguística Ecolinguística, mais especificamente a Análise do Discurso Ecolinguística, no estudo de um texto literário, as autoras propõem uma análise do ecossistema linguístico ficcional que se desenvolve na obra, dando enfoque às representações da interculturalidade a fim de evidenciar as relações entre língua e cultura.

Na sequência, o artigo “Perspectiva ecológica da linguagem: uma alternativa de ensino dos verbos enquanto classe gramatical”, de Felipe Rodrigues de Araújo e Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, trata do ensino de língua materna sob a perspectiva da Linguística Ecolinguística. Em específico, os autores se debruçam sobre os verbos e a produção de neologismos que emanam dos ambientes virtuais. O artigo evidencia a importância de trabalhar os conteúdos em sala de aula de forma acessível, contextualizada, didática e dinâmica.

O oitavo artigo, “Cultura alimentar: a linguagem da fé e a relação entre alimento divindade e Umbanda”, de Hertz Wendell de Camargo, João Emerson da Costa e Terri Ulbrich, se sustenta sobre a premissa de que a alimentação é uma linguagem cultural que transporta a autorrepresentação e os valores simbólicos de um povo. Os autores buscam, especificamente, identificar, analisar e refletir sobre a linguagem que revelam os alimentos na Umbanda em relação aos Orixás e guias.

Na sequência, apresentamos o artigo intitulado “A construção de moods de consumo associados às cores sob a perspectiva do imaginário e dos arquétipos de Jung”, de Letícia Salem Herrmann Lima, Amanda Prestes Serpe, Carla Abdo Brohem e Lilian Longuini de Souza Wterkemper, que tem como base epistemológica a teoria do Imaginário e o conceito de arquétipos de Jung. Esse estudo se debruça sobre os sentimentos que se busca construir por meio dos produtos para que se possa alcançar o consumidor. Busca-se

ECO-REBEL

evidenciar as características e as percepções humanas sobre arquétipos e sua correlação com cores, considerando a psicologia das cores de Farina.

No décimo artigo, “Inconsciente coletivo e o arquétipo do Trickster: a circulação da imagem do Zé Pelintra na mídia para a representação da cultura brasileira”, de Diego Santos e Hertz de Camargo, aborda-se o arquétipo do Trickster pela ótica do imaginário, observando sua recorrência e retomada na mídia brasileira, partindo da figura do Zé Pelintra, e buscando entender de que forma sobrevive no inconsciente coletivo.

O décimo primeiro artigo, intitulado “Sonhos de consumo, fé no paraíso e funk ostentação: o videoclipe como altar sacrificial”, de Sionelly Leite e Hertz Wendell de Camargo, é parte de uma tese em andamento e aborda o imaginário do consumo, do funk e da periferia. O texto demonstra que os clipes de funk ostentação criam um paraíso em seus vídeos, observando os elementos visuais dispostos na materialidade e o imaginário do consumo construído nas periferias.

O décimo segundo artigo, de Eduardo Martins Zimmermann Camargo, se intitula “Encenação e encarnação: a trajetória das macumbas no cinema brasileiro dos anos 1960”. Nesse artigo, observa-se a presença da macumba no cinema brasileiro da década de 1960, observa-se de que forma as mitologias de matriz afro-ameríndia são encenadas e encarnadas nas telas, dando especial atenção aos elementos sonoros, visuais e narrativos.

O décimo terceiro artigo, “O arquétipo do trickster”, de Rafaeli Francini Lunkes Carvalho, observa a encarnação do arquétipo do trickster no imaginário constituído pelo rádio enquanto meio de comunicação de massa, evidenciando características como o deboche, o humor e a brincadeira. Para tanto, a autora faz uma análise do apresentador-personagem Juca Bala, que comanda o programa Bolicho da T, da Rádio T, sediada no Paraná.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 7, n. 3, 2021.